

PASCHOAL LEMME E O COMBATE À INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (1950-1960)¹

Carla Villamaina Centeno²

RESUMO

Este artigo procura verificar de que forma o contexto histórico vivido pelo educador Paschoal Lemme (1904-1997), influenciou sua crítica às técnicas e aos métodos norte-americanos incorporados, sobretudo, por educadores ligados ao movimento escolanovista. Iremos demonstrar qual a relação dessa crítica com as transformações que se processavam no país e que acabaram por influenciar os educadores, durante as décadas de 1950 a 1960. Foram utilizadas como fontes primárias suas *Memórias* (volumes 1 a 5, 1988, 2000) e a obra *Educação democrática e progressiva* (1961). Conclui-se que o contexto histórico da chamada Guerra Fria, influenciou o autor a partir da década de 1950 em suas críticas às influências norte-americanas e que no campo do pensamento renovador, foram disseminadas pela produção de Anísio Teixeira. Ainda que o contexto histórico das décadas de 1950 e 1960 possa explicar um combate mais sistemático de Lemme, podemos encontrar também na década de 1980, críticas ao conteúdo e aos métodos norte-americanos.

Palavras-chave: Paschoal Lemme; Escolanovismo; Métodos norte-americanos.

PASCHOAL LEMME AND THE COMBAT TO NORTH AMERICAN INFLUENCE IN THE BRAZILIAN EDUCATION (1950-1960)

ABSTRACT

This article tries to verify how the historical context experienced by the educator Paschoal Lemme (1904-1997) influenced the criticism to the North American techniques and methods, adopted mainly by educators linked to the New School movement. We are going to present what is the relation of this critique to the country transformations, which eventually influenced educators during the 1950s to 1960s. *Memórias* (volumes 1 to 5, 1988, 2000) and *Educação Democrática e Progressiva* (1961) were used as primary sources. We concluded that the historical context called Cold War, influenced the author from the 1950s on his criticism of North American influences, also that renovating thinking area, were disseminated by the production of Anísio Teixeira. Although the historical context can explain a Lemme's systematic combat, it's possible to detect still in the decade of 1980 critics to the North American content and methods.

Keywords: Paschoal Lemme; New School; North American methods.

Introdução

Este artigo procura verificar de que forma o contexto histórico influenciou a crítica de Paschoal Lemme aos métodos norte-americanos, incorporados no Brasil sobretudo por educadores escolanovistas. Iremos demonstrar qual a relação dessa crítica com as transformações que se processavam no país e que acabaram influenciando educadores, como Lemme. Essa questão aparece, sobretudo, nos textos produzidos na década de 1950, embora possa ser observada com menos frequência no período posterior.

Paschoal Lemme (Rio de Janeiro 1904-1997) foi um educador que construiu sua atuação em várias ações e formulação de políticas públicas entre as décadas de 1920 a 1960, preocupando-se com a educação brasileira até meados dos anos 1980-1990, quando são publicadas suas memórias.

Ocupou funções técnicas na administração da rede escolar pública, atuando ao lado de Fernando de Azevedo (1927-1930) e de Anísio Teixeira (1931-1935) e viveu intensamente o período de difusão do ideário escolanovista e das mudanças e reformas pós Golpe de 1930 (conhecida como Revolução de 1930). Foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, o principal autor do Manifesto dos Inspectores de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, de 1934, participando, também, do Manifesto dos educadores: mais uma vez convocados (1959), como um dos principais articuladores. Membro da Associação Brasileira de Educação - ABE, contribuiu com vários projetos, implantando políticas para o magistério e para a educação de adultos. Sua carreira como docente iniciou-se em 1928, como professor de escola rural (BRANDÃO, 1999, p. 20). Trabalhou também como professor das escolas técnicas secundárias, em 1932, e como inspetor escolar, no estado do Rio de Janeiro, em 1933. Foi aprovado em concurso como técnico no MEC, em 1939 e, em 1942, assumiu a seção cultural do Museu Nacional. Em 1946 trabalhou com Roquete Pinto no Instituto do Cinema Educativo (BRANDÃO, 1999, p. 75). Foi docente da Escola Normal, em 1952, e aposentou-se em 1961.

Bastante polêmico, militante das causas da esquerda, teve dificuldades para publicar seus trabalhos e achar interlocutor que compartilhasse de suas ideias (BRANDÃO, 1999, pp. 111-113; p.120). Aderiu ao pensamento marxista, segundo ele, por volta de 1933/1934 (LEMME, 1988b, p. 123), mas não se filiou a nenhum partido, ainda que mantivesse um estreito diálogo com o PCB, contribuindo com textos analíticos sobre a educação brasileira, inclusive para compor discurso programático para a Aliança Nacional Libertadora, em 1945 (LEMME, 2004a, p. 31).

Foi preso em 1935, no Governo Vargas (1930-1945), por ter participado da formulação de uma proposta para educação de jovens e adultos³, ficando na cadeia por quase dois anos, onde teve contato mais estreito com líderes expressivos do movimento de esquerda. Escreveu várias obras e artigos sendo mais conhecidas suas *Memórias* (vol. 1 a 5), publicadas pelo INEP em 1988, 2000 e 2004.

A fonte secundária mais importante acerca do autor é a tese de doutorado de Zaia Brandão transformada em livro, *A Intelligentsia educacional: um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da escola nova no Brasil* (1999). Brandão foi uma das pioneiras nas investigações sobre o pensamento de Lemme e revelou questões fundamentais acerca de sua atuação. Entre as inúmeras contribuições dessa autora, destacamos a de demonstrar suas aproximações com os liberais desse movimento. Ainda que desenvolvesse uma crítica radical ao idealismo do movimento renovador, Lemme criticou a visão que identificou os escolanovistas como eminentemente técnicos ou conservadores.

Manteve aproximação com as teses escolanovistas e valorizou o trabalho desenvolvido por esses intelectuais, mas suas ideias sobre a escola e a sociedade se

distanciaram das ideias dos mesmos, sobretudo, em razão de suas críticas ao idealismo de vários estudiosos dessa corrente que considerava a escola ou a educação como a propulsora do desenvolvimento, questão já observada também por outras pesquisas (BRANDÃO, 1999; KASTELIC, 2014).

Para Lemme, era preciso investir nas condições materiais dos trabalhadores e, de forma mais radical, considerava que era preciso haver uma transformação social para que a educação se desenvolvesse plenamente. Só poderia existir uma educação democrática, dizia, se houvesse uma verdadeira sociedade democrática. De fato, não possuía expectativa de que a educação por si só pudesse resolver o problema da pobreza ou da falta de desenvolvimento do país, ideia expressa em documentos importantes, como o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932*, e reforçada por vários educadores ligados ao movimento renovador.

Sua concepção marxista creditou a esse educador uma visão mais materialista, ou, melhor dizendo, uma visão “dialética” da realidade. Desenvolveu seu pensamento sempre pautado por essa perspectiva.

Esse posicionamento pode ser encontrado em toda sua produção, desde a formulação de o *Manifesto dos Inspetores de Ensino do Estado do Rio de Janeiro*, em que demonstrou sua ruptura com o pensamento liberal, já observado por Brandão (1999), que comparou os dois documentos: “O Manifesto de 1932” e “O Manifesto dos Inspetores de 1934”.

Há inclusive nesse documento, uma passagem digna de nota no que diz respeito à sua posição sobre a função da educação na sociedade capitalista, em contraposição à do Manifesto dos Pioneiros de 1932.

Escola leiga, obrigatória, única, ativa e progressista... complexo demais para ser entendido pelos governos...

E o povo, coitado, o povo, que só sente a predominância dos problemas econômicos na hierarquia de todos os que os atormentam, não chegou sequer a perceber que lhe atiravam essa tabua de salvação talvez porque aquela mesma primazia dos problemas econômicos não lhe permitiu ainda sair de uma situação que a estatística oficial informa com simplicidade [...] (LEMME, 2004a, p. 244).

Esclarecia Lemme: “[...] A renovação escolar não pode ser realizada integralmente sem a revisão da estrutura econômica da sociedade atual, capitalista [...]” (LEMME, 2004a, p. 243). Nesse documento, aproveitou para criticar a visão idealista do movimento renovador: “Escola ativa, progressista, socializada, única; pública, obrigatória gratuita, mista e leiga...belíssimo programa, mas não para urna democracia, liberal por definição e capitalista de fato...incompatível com a sua própria vida, principalmente no Brasil...” (LEMME, 2004a, p. 244).

Por isso esse educador foi insistente quanto às questões dos métodos, ou técnicas pedagógicas: “E é por isso mesmo que nós, dentro da nossa propaganda, não nos limitamos a uma revisão de métodos de ensino, nem ficamos na pregação das idéias doutrinárias que geraram esses métodos” (LEMME, 2004a, p. 244).

As transformações se fariam “mais fora do que dentro” da escola, dependiam mais da “consciência social” (LEMME, 1988b, p. 200) e se manifestariam em todas as instâncias: na luta política, nos sindicatos, organizações, etc. Na verdade, sua posição é contraditória, no sentido dialético do termo. Entende a importância da escola pública para o trabalhador que a procura para dar as bases científicas a seus filhos, mas compreende também que esse é um processo histórico:

[...]A simples observação nos mostra que a educação, instrução e especialmente ensino sistemático, escolar, só podem ser adquiridos e desfrutados, com proveito e de maneira progressiva, a partir de um mínimo inicial de condições materiais e culturais. E, por sua vez, a instrução geral e profissional e a cultura, na medida em que são adquiridas, passam a constituir fatores de melhoria dessas mesmas condições materiais, profissionais e culturais. E esse ponto de partida está, é claro, diretamente relacionado com os recursos de que dispõem as famílias para atender as suas necessidades materiais e culturais. É aí que se insere o problema da distribuição de renda que, segundo penso, é a mais decisiva daquelas deficiências estruturais [...] (LEMME, 1988c, p. 242).

Enfim, era necessário desenvolver as condições materiais e juntamente com isso a educação, a consciência sobre a sociedade. O trabalho educativo poderia ajudar, de forma dialética, a luta por melhores condições de vida para o trabalhador (LEMME, 1961, p. 68). Por isso, como foi já afirmado, o autor não dedicou obra sistemática sobre métodos ou doutrinas (LEMME, 1988, vol. 2, p. 200), ainda que suas obras e sua prática revelem como pensou essas questões, por meio de suas ações e inúmeros projetos realizados em várias frentes, administrativas, de docência e na formação de educadores. Isso pode ser comprovado por meio da luta que empreendeu pela implantação da escola pública, gratuita, obrigatória, leiga e comum, luta esta entendida como “conquista irreversível da História” (LEMME, 1961, p. 49).

Lemme e suas considerações sobre as políticas implantadas pelos renovadores

De maneira geral, Lemme considerou positivas as políticas de expansão da escola e as reformas implantadas pelos renovadores, no Brasil. Em várias passagens de sua produção intelectual ressaltou a importância do trabalho dos pioneiros na instalação das políticas públicas educacionais. Mesmo considerando os limites postos pelas condições materiais no Brasil, ele lutou pela expansão da escola e no seu entendimento o movimento escolanovista era o que havia de mais avançado naquele momento histórico. Em carta dirigida à Brandão em 1989, expõe:

Eu não hesitei entre as concepções liberais dos meus amigos educadores, especialmente dos 'cardeais da educação' e os conhecimentos que fui adquirindo sobre o "fenômeno" educação, à luz das idéias de caráter marxista. O que se deu é que sempre considerei e continuo a considerar que o chamado movimento da 'escola nova', cuja ideologia, digamos assim, foi consubstanciada no histórico 'Manifesto dos Pioneiros', representou o que mais progressista se propugnava, na época, em matéria de educação e ensino, isto é, uma escola única, pública, leiga, gratuita, co-educacional, aberta a todos...(LEMME, 2004b, p. 229).

Essa postura é bem captada por Saviani (2007, p. 271-273) que, ao discutir as correntes educacionais não hegemônicas do período entre os anos 1932 e 1969, supõe que a adesão de um intelectual marxista como Lemme às concepções pedagógicas da Escola Nova deva estar relacionada às considerações do campo da esquerda, no caso o PCB, com relação aos avanços da “revolução democrático-burguesa”.

[...] era necessário realizar previamente a revolução democrático-burguesa para se chegar, no momento seguinte, à revolução socialista, e daí, ao

comunismo [...] Está aí, talvez, uma possível explicação de por que não se chegou a uma formulação mais clara de uma concepção pedagógica de esquerda por parte dos comunistas. Com efeito, se o que estava na ordem do dia era a realização da revolução democrático-burguesa, a concepção pedagógica mais avançada e adequada a esse processo de transformação da sociedade brasileira estava dada pelo movimento escolanovista. Esta é uma hipótese a ser mais bem investigada. Cabe verificar em que grau a perspectiva de uma revolução democrático-burguesa assumida pelas forças de esquerda, sob liderança do PCB, as levou a estar sintonizadas com o ideário escolanovista, enquanto uma concepção pedagógica que traduziu no ponto de vista da educação, os objetivos dessa modalidade de revolução social. Esta perspectiva pode ser exemplificada com a situação particular de Paschoal Lemme (SAVIANI, 2007, pp. 272-273).

De fato, Lemme não somente trabalhou para a implantação de algumas políticas guiadas por esses educadores liberais, como incorporou concepções da pedagogia nova em algumas experiências que realizou como Inspetor nos cursos de formação cultural para professores “dentro dos preceitos da pedagogia atual” (LEMME, 2004, p. 237). Contudo, o conteúdo ideológico da formação pareceu se diferenciar, pois havia de Lemme a preocupação em esclarecer as reais condições da sociedade e da educação para esses profissionais. Esse programa está expresso mais amplamente no “Manifesto dos Inspetores de 1934”, discutido por Brandão que afirma haver um “indício de continuidade ao projeto dos pioneiros” no que se refere à “propaganda da escola nova” (BRANDÃO, 2010, p. 34). Consideramos, no entanto que, no que se refere ao conteúdo ideológico desses cursos, há diferenças significativas na proposta de Lemme.

Ainda que não detalhe, também é possível observar, no relato de memórias do autor, a adoção de práticas escolanovistas numa experiência com a abertura de um colégio particular, entre os anos 1931 a 1933, o Instituto Brasileiro de Educação, “colégio em moldes inteiramente modernos, no qual seriam aplicadas as aquisições mais recentes da chamada ‘escola nova’” (LEMME, 1998b, p. 88).

De forma geral, para ele, o escolanovismo era um avanço mediante o que era dominante no Brasil, um ensino de caráter “formalista” (LEMME, 1961, p. 88).

Lemme criticou o ensino jesuítico que atendeu somente a “elite brasileira” e considerou-o atrasado do ponto de vista técnico e científico. Esta crítica aparece em textos escritos por ele na década de 1930 até o final da década de 1950. Vejamos o que diz, por exemplo, a esse respeito, o Manifesto dos Inspetores de 1934:

Gramática, latim, retórica, matemática, filosofia, teologia e moral, evidente programa de formação de instrumentos de elite para perpetuação do poderio da Igreja Romana. Nesse ambiente, a reação de Pombal teria que resultar inútil. E nada se decidiu pela educação popular da colônia... porque não havia necessidade de decidir, porque havia o interesse supremo de mantê-la na mais absoluta ignorância para que sua exploração se fizesse com todo êxito e tranquilidade. (LEMME, 2004a, p. 227).

Já o documento elaborado para participação desse pensador na II Conferência Mundial de Educadores em 1957⁴, discutindo a educação na América Latina, revela praticamente o mesmo pensamento acerca da pedagogia jesuítica. Nele, o autor demonstrou conhecimento com relação às vertentes pedagógicas da educação nesta parte do continente americano e o peso histórico da tradição católica. No trecho adiante citado, ele ainda

acrescenta a questão da separação entre atividades práticas e intelectuais, pois o ensino inaciano foi pensado para a classe dominante, era de base intelectual.

Realmente, a tradição de um ensino destinado quase que exclusivamente às classes dominantes para formar os letrados, os doutores e os bacharéis, sendo o trabalho, as atividades práticas consideradas como indignas dessas classes e relegadas aos escravos, às populações dominadas, ainda atua fortemente sobre os nossos métodos de ensino, que tendem a se basear largamente pela Igreja Católica e, especialmente, pelos jesuítas e livrescos da cultura. Concorreu também para isso o fato do ensino latino-americano ter sido organizado e dominado largamente pela Igreja Católica, especialmente pelos jesuítas, que na América Latina pouco sofreram o impacto da crítica racionalista, pois quase não chegaram até nós os efeitos da *protestation contre un système scolaire stagnant et arrièrè* levantada pelas grandes figuras da Renascença e do Século das Luzes (LEMME, 2004a, p. 129).

Para Lemme, essa pedagogia, de traços “livrescos”, ainda perdurava no continente latino-americano por força das precárias condições materiais e pelo lento avanço das forças produtivas:

[...] essas condições tendem a perdurar por força de nosso precário e lento desenvolvimento econômico, que ainda exige pouca diferenciação no ensino e pequeno grau de especialização: a ciência e as técnicas avançadas ainda não penetraram profundamente em nossas escolas, influenciadas por séculos de escolasticismo deformante, por um pretensão 'humanismo' unilateral e obsoleto. Ainda há pouco era o próprio Ministro da Educação do Brasil que definia da seguinte forma

A situação do ensino brasileiro: 'o primário é curto e verbalístico; o secundário é ornamental e caro; o superior, mal aparelhado, mais informativo do que científico e técnico'. Conceitos esses que podem ser perfeitamente aplicados a toda a América Latina (LEMME, 2004a, p. 129).

É importante observar que, nesses escritos, Lemme não interpretou como dominantes, ainda na década de 1950, as simplificações técnicas que chegavam até as escolas por meio de experiências já iniciadas pelas reformas realizadas pelo movimento escolanovista. Mas o autor se utilizou da generalização e não da descrição de experiências mais avançadas

Esse retrato, que tem o defeito da excessiva generalidade, conforme acentuamos de início, não pode deixar de incluir também os aspectos positivos. Em todos os nossos países [América Latina] podem ser encontradas experiências avançadas em matéria pedagógica e estabelecimentos de ensino verdadeiramente modelares. (LEMME, 2004a, p. 134).

Em praticamente todos os trabalhos aparece a exposição de que a instrução não se alterava em função das condições históricas. Essas condições eram de natureza social e econômica e, no caso brasileiro, tiveram o peso da exploração colonial e da tradição católica. Para Lemme isso significou um atraso do ponto de vista cultural, diferentemente do que ocorreria nos países influenciados pela Reforma. No caso desse texto, elaborado para discutir

a América Latina, nesse momento histórico, Lemme observou que o atraso deveria ser superado pela liquidação dos resquícios coloniais e pela derrota do imperialismo:

A melhoria substancial da educação e da escola latino-americanas está diretamente vinculada às vitórias do movimento de emancipação econômica, de liquidação das sobrevivências semifeudais e da derrota da ação imperialista opressora e todas as suas conseqüências: deformação econômica, reação, obscurantismo, atentados às culturas nacionais, etc. (LEMME, 2004a, p. 133).

Para ele, o imperialismo, entendido como o domínio norte-americano, além da área econômica, estava se estendendo nas áreas da educação e cultura e, inclusive, nas pedagogias adotadas, algumas incorporadas por renovadores da educação.

A influência norte-americana na educação brasileira

Num texto escrito para participar da I Conferência Mundial de Educadores, em 1953, ao relatar a situação do país após a Segunda Guerra Mundial, Lemme afirmava: “[...] a propaganda imperialista norte-americana desencadeia-se violenta, no sentido de dividir o mundo e leva-lo a uma nova guerra, em benefício dos interesses dos milionários de Wall Street” (LEMME, 1961, p. 86), e aproveitava para cobrar os educadores:

A maioria dos líderes educacionais brasileiros, mais proeminentes, ligados às correntes ideológicas da pedagogia norte-americana, consideram a ‘democracia americana’ como um ideal a atingir, e até mesmo aplaudem a dominação econômica, política e ideológica do país [...] (LEMME, 1961, pp. 86-87).

A referência aos “líderes” pode estar relacionada à conjuntura política vivida pelo autor com relação à X Conferência Nacional de Educação em 1950, promovida pela Associação Brasileira de Educação- ABE, da qual foi membro atuante. Impedido de participar com perguntas mais prolongadas, devido às regras do debate, resolveu escrever um estudo sobre “muitas questões tratadas superficialmente nos outros” (LEMME, 1953, p. IX) e solicitou depois que o mesmo fosse incluído nos Anais. A inclusão foi recusada pelo coordenador da Conferência (LEMME, 1953, p. IX). O fato é relatado por Lemme em carta a Fernando de Azevedo que, em resposta, argumentou que sentia muito o fato de a ABE

[...] dos Lyra e dos Venâncio, que era uma força ativa, uma associação zelosa de sua independência e um centro livre de estudos e debates estar se transformando 'numa 'academia' de letrados, numa espécie de mandarinato da educação (AZEVEDO, 2004b, p. 163).

O texto recusado foi publicado depois em livro, *Estudos de Educação*, em 1953. Nele aparecem as posições de Lemme, motivado, inicialmente, por uma palestra proferida pelo Prof. Robert King Hall, norte-americano, da Universidade de Colúmbia. Lemme relatou, na referida publicação, que teria participado do debate “[...] recentemente na série de palestras promovidas pelo Centro dos Técnicos de Educação do Ministério da Educação e Saúde”. (LEMME, 1953, p. 183). Dentre as palestras, Lemme se incomodou com a proferida por King Hall “Educação para o desenvolvimento econômico” na qual se referia à cooperação técnica e financeira dos EUA aos países “subdesenvolvidos”. Lemme não gostou do tom

“imperialista” e “arrogante” do palestrante. E no texto questionou o fato de Hall desconhecer como países que em três séculos de contato com a Revolução Industrial não conseguiram se tornar autossuficientes (LEMME, 1953, p. 183). Em tom de ironia, afirmava Lemme, o Prof. King Hall esqueceu de dizer que esses países não desenvolveram suas indústrias graças à exploração colonial (LEMME, 1953, p. 184).

[...] o professor King Hall agia como porta-voz dessa política imperialista, agressiva, dos Estados Unidos da América do Norte, que está querendo conduzir o mundo a uma nova e mais tenebrosa carnificina, obrigando-nos a formar a seu lado, na defesa de uma pretensa ‘civilização ocidental e cristã’, que já exterminou populações civis, arrasando cidades inteiras, na Coréia, e ameaça a humanidade com os terríveis engenhos atômicos (LEMME, 1953, p. 184).

E registrou, ainda, sua indignação pelo fato de o referido professor norte-americano ter sido chamado pelo INEP para desenvolver um curso para professoras rurais, já que os assuntos tratados eram tipicamente nacionais (LEMME, 1953, p. 184). Esse fato sugere, inclusive, as diferenças políticas de Lemme com as orientações deste órgão.

Em seguida, nesse mesmo texto, Lemme utiliza-se de fontes de autores, opiniões “insuspeitas” para demonstrar os reais problemas que geravam os dados alarmantes da educação no Brasil. Reunidos para discutirem “sugestões para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” Lemme considerou que “[...] a atitude da quase totalidade dos educadores que na reunião tomaram parte [...] me afiguraram excessivamente confiantes nas virtudes de alguns remendos no ante-projeto da lei em questão” (LEMME, 1953, p. 189).

De fato, o que se pode apreender da crítica de Lemme é que estava profundamente incomodado com a crescente participação norte-americana na educação brasileira que chegava também ao MEC e ao INEP.

É possível que sua crítica à corrente dos escolanovistas mais ligada à “americanização” tenha se expressado por volta dessa época. Sobre esse “método”, inclusive, o autor chega a considerá-lo “pernicioso”

[...] no caso particular do Brasil, teríamos que respingar longamente o que tem sido para nós de pernicioso a influência dos métodos norte-americanos de educação, com o aspecto ainda mais grave de os recebermos aqui, com atraso, e quando já estão superados [...] a propósito teríamos muito que dizer sobre os métodos de testes, o chamado método de projetos, o sistema de créditos no ensino secundário e superior, a flexibilidade de currículos, a descentralização excessiva da administração da educação (LEMME, 1961, p. 23).

Frisava, contudo, que a crítica à influência americana não constava pois de “[...] qualquer ideia obscurantista e primária de fecharmos o País às influências sadias da cultura universal e deixarmos de buscar a colaboração da ciência e da técnica estrangeiras, onde ela nos possa ser útil, sem qualquer discriminação”. (LEMME, 1961, p. 23)

Além das críticas encontradas em suas obras sobre essa questão, o autor também traduziu obras como a do professor inglês Brian Simon, do Departamento de Educação da Universidade de Leicester, intitulada *Intelligence testing and the comprehensive school*, que, segundo Lemme fazia a crítica contra as chamadas medidas de inteligência. Segundo o prof. Brian a prática era resultado de uma “pseudoteoria científica” e, na visão de Lemme, como

“inteiramente incompatível com um conceito verdadeiramente democrático da educação” (LEMME, 1961, pp. 5-6).

Com relação ao conteúdo, o autor considerou essa influência extremamente prejudicial pois imbuída de “[...] preconceitos raciais, o ‘gangsterismo’, as deformações sexuais, o ódio aos outros povos, enfim a propaganda de guerra” (LEMME, 1961, p. 90) Lemme fez um combate mais incisivo ainda a um tipo de instrumento trazido pelos norte-americanos, com conteúdos que poderiam influenciar as crianças brasileiras, como os gibis e os quadrinhos. Para ele as crianças seriam: "submetidas ao bombardeio de uma propaganda desenfreada e sistemática, que começa na infância com os gibis; continua na adolescência com os X-9, as Queridas e outras publicações" (LEMME, 1988, p. 122).

Como foi observado, o combate de Lemme aos métodos norte-americanos para a educação, vai aparecer em suas elaborações desde os anos 1950 até a década de 1960, podendo ainda ser encontrada nos textos posteriores, com menos intensidade. Pode ser compreendida pelo domínio econômico norte-americano que se impunha em todos os âmbitos a partir do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, sobretudo, pelo contexto da Guerra Fria, que opunha Estados Unidos e União Soviética, dividindo o mundo em dois blocos:

A Segunda Guerra terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar [...] gerações inteiras se criaram a sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

As críticas de Lemme poderiam ser influenciadas pela incorporação de um suposto nacionalismo, consentâneo com a década de 1950, e pela esteira das transformações do nacional-desenvolvimentismo. Mas, acreditamos que se aproximou mais do contexto político imposto pela denominada Guerra Fria. É bem possível que essa questão estivesse manifesta no pensamento do autor à época, pela aproximação com o PCB e também por meio das visitas que empreendeu à URSS e à China, na década de 1950.

Passados alguns anos, observamos que a crítica aos métodos americanos ainda consta em algumas passagens de suas Memórias, volume 1 e 2, escritas durante o final da década de 1970 e meados da década de 1980, quando o autor trata de sua infância e mocidade e de sua formação e trajetória profissional. Com relação aos escolanovistas que aderiram a esses métodos, não encontramos propriamente uma crítica mais sistemática, a não ser indiretamente ou em observações mais esparsas. Nas *Memórias*, o autor elogia a administração de Fernando de Azevedo e de Anísio Teixeira, esta última a “mais criativa, corajosa e também controvertida administração de ensino como jamais se verificara no país” (LEMME, 1988, vol 1, p. 121). Mas, ainda que considerasse avançada a proposta de Anísio, Lemme não aprovava a influência de alguns métodos norte-americanos em sua gestão.

Inicia fazendo uma observação à filosofia de Anísio:

Desde 1932 até 1935, em contato quase que diário com Anísio, em virtude das várias funções que fui chamado a exercer em sua administração, pude captar com bastante precisão seus pontos de vista em matéria de filosofia social. Pude perceber assim que sua visão, pelo menos aquele tempo, era fortemente influenciada pelo contato que tivera com a sociedade norte-americana, que para ele, como para a maioria dos educadores, era

considerada como um modelo de democracia, onde se devia buscar inspiração (LEMME, 1988, p. 124).

Para Lemme os educadores em geral, e “parece-me que Anísio também” defendiam que a melhor forma de transformar as condições econômicas e sociais não era por meio “da luta revolucionária de classes, de acordo com as teorias marxistas, mas o esforço pela elevação do nível cultural do povo”. (LEMME, 1988a, p. 124). Para o autor, esse otimismo pedagógico era “completamente oposto a qualquer concepção marxista, e não era, porém, somente de Anísio, mas da quase totalidade dos mais conceituados líderes do movimento de reformas educacionais” (LEMME, 1988a, p. 126). Sua filosofia de educação “inspirada nas ideias de Dewey, pressupunha uma sociedade homogênea, sem classes” (LEMME, 1988a, p. 127) e para Lemme, Anísio teria sido o introdutor dos métodos e processos norte-americanos na educação.

Havia um aspecto positivo, para Lemme, nessa influência: a organização de um sistema de ensino, mas, haveria outros, negativos: “[...] avaliação dos conhecimentos através das chamadas medidas objetivas, os chamados testes de escolaridade, e também os de ‘medida’ da inteligência e o exagero dado ao voluntarismo que conduziam à indisciplina” (LEMME, 1988a, p. 130).

Para Lemme “[...] o processo violento” de ‘americanização’ a que estaríamos submetidos não teria se originado de iniciativas na escola e nem nas de Anísio Teixeira. Era resultado de uma pressão do mercado americano” (LEMME, 1988a, p. 130). Mas o aspecto mais grave para ele era o que dizia respeito ao conteúdo cultural: “degradação de nossa música popular; o *best seller* comercial, substituindo a verdadeira literatura; os ‘enlatados’ do cinema e da televisão [...]” (LEMME, 1988a, p. 130). E apesar dos possíveis “pecados da americanização” a administração de Anísio, reforçava, “[...] representou o ponto mais alto atingido entre nós no esforço de oferecer ao povo uma organização de ensino público, de inspiração democrática” (LEMME, 1988a, p. 134).

Considerações Finais

Este artigo discutiu de que forma o contexto histórico influenciou o pensamento do educador Paschoal Lemme, no que diz respeito à crítica à influência norte-americana na educação brasileira.

Verificou-se que Lemme foi um crítico contumaz do idealismo dos pensadores liberais de sua época. Aderiu ao pensamento marxista e foi colaborador de propostas para a ANL e para o PCB e por isso seu pensamento foi influenciado pelas lutas travadas pela esquerda, no Brasil.

Nos anos 1950 a 1960 elaborou uma crítica aguda aos educadores que incorporaram “métodos” norte-americanos, como o método de projetos, o sistema de créditos, a flexibilização, os testes de inteligência, dentre outros e, sobretudo, fez a crítica ao conteúdo da cultura norte-americana que chegava às crianças e aos jovens.

Essa crítica pode ser creditada ao momento histórico vivido pelo autor, que se iniciou no final dos anos 1940, a chamada “Guerra Fria”. Mas, ainda nos anos 1980, verificamos que a crítica aparece em suas *Memórias* aparentemente com um tom mais brando. De fato, ainda que a Guerra Fria não tivesse terminado na década de 1980 (HOBSBAWM, 1995, p. 248), é possível perceber seu enfraquecimento, dadas as condições de crise econômica, a partir dos anos 1970 e a “acelerada invasão da economia socialista pela muito mais dinâmica, avançada e dominante economia capitalista mundial” (HOBSBAWM, 1995, p. 247).

De fato, a crítica, em última instância, era a mesma que dirigia, desde os anos 1930, ao pensamento liberal.

A crítica também resvala no pensamento escolanovista, via pragmatismo, sobretudo àqueles que incorporaram os métodos “americanizados”, como Anísio Teixeira.

Em outro trabalho (CENTENO, 2016) acerca de sua concepção sobre os instrumentos didáticos, compreendidos como os livros adotados nas escolas brasileiras, verificamos que esse autor criticou as histórias em quadrinhos lidas pelas crianças e também pelos jovens. Isso se repete em todos os trabalhos, desde a década de 1950. Segundo ele, os livros de leitura “pequenas histórias e poesias” (LEMME, 1988, vol. 1, p. 98), que iniciavam as crianças na escola, se faziam ausentes na escola contemporâneas, “cujo alimento espiritual, desgraçadamente, parece ter se resumido nas historietas em quadrinhos, alheias a nossa cultura, e tendo quase sempre por motivos a violência, o crime, o desamor” (LEMME, 1988, vol. 1, p. 142).

Nesse estudo detectamos que o autor defendeu a introdução da cultura sistematizada na escola, para todos, e considerou de importância ímpar os livros de literatura, os científicos e os clássicos. Para ele, a leitura era necessária e deveria ser realizada com “bons autores”, desde os primeiros anos de escolarização. Sua principal crítica recaiu sobre os manuais didáticos e quadrinhos (CENTENO, 2016, p. 11). Para uso em sala de aula, observou-se que “esteve às voltas com a ‘redação de um manual, em nível superior’, ‘plano que não pode realizar’ para ser utilizado em suas aulas no ensino normal, quando ministrava aulas na década de 1950” (CENTENO, 2016, p. 12). Inferimos que ao se referir a um “manual em nível superior” estivesse pensando em produzir um compêndio. Conclui-se que, nesse sentido, se aproximou de parte dos intelectuais de sua época, inclusive de escolanovistas, como Fernando de Azevedo, por exemplo, que

[...] defenderam o uso do livro, da biblioteca, da literatura, dos clássicos, em geral, mas que, na prática, enfrentando os problemas estruturais e materiais das escolas e da formação dos professores, não colocaram objeção à adoção de compêndios. Azevedo produziu, inclusive, compêndios para o ensino, 'manuais científicos' (BRITO e OLIVEIRA, 2015, p. 70). (CENTENO, 2016, p. 12),

Se, de fato, Lemme aderiu a algumas práticas e ideias escolanovistas, afastou-se de algumas delas, sobretudo aquelas ligadas à “americanização”, como podemos verificar na análise deste trabalho.

Referências

BRANDÃO, Z. *A “Intelligentsia” educacional: um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil*. Bragança Paulista: CDAPH/IPHAN, Editora da Universidade São Francisco, 1999.

BRANDÃO, Z. *Paschoal Lemme*. Recife: Massangana, 2010.

BRITO, S.H.A; OLIVEIRA, J.S. Fernando de Azevedo e a produção de compêndios para o ensino de Sociologia. *O trabalho didático em exame*. Campo Grande : Life, 2015.

CENTENO, C.V. A crítica de Paschoal Lemme aos instrumentos didáticos da escola pública brasileira, século XX. *Anais do XI COLUBHE*, Porto, Portugal.

HOBBSAWN, E. *Era dos extremos - O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KASTELIK, E.S.D. *O percurso de Paschoal Lemme; defesa da escola pública, gratuita e estatal*. Campinas: Autores Associados, 2014.

LEMME, P. *Estudos de Educação*. Rio de Janeiro: Livraria Tupã, 1953

LEMME, P. *Educação democrática e progressista*. São Paulo: Editorial Pluma, 1961.

LEMME, P. *Memórias*. Infância, adolescência, mocidade. Brasília: Inep; São Paulo: Cortez Editora, 1988a, v.1.

LEMME, P. *Memórias*. Vida de família, formação profissional, opção política. Brasília: Inep; São Paulo: Cortez Editora, 1988b, v. 2.

LEMME, P. *Memórias*. Infância, adolescência, mocidade. Brasília: Inep; São Paulo: Cortez Editora, 1988c, v.3.

LEMME, P. *Memórias*. Estudos e reflexões sobre problemas da educação e ensino. Participação em conferências e congressos nacionais e internacionais. Documentos. Brasília: Inep, 2004a, v. 4.

LEMME, P. *Memórias*. Estudos de educação e destas de correspondência. Organizado por Jader de Medeiros Britto. Brasília: Ministério da Educação/Inep, 2004b, v. 5.

LEMME, P. Tradução de SIMON, Brian. *Escola secundária para todos*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, Título original: Intelligence testing and the comprehensive school. 2. ed. Londres: Lawrence and Wishart, 1961

LANCILLOTTI, S. S. P. (2013). Manuais de psicologia como instrumentos de trabalho utilizados na formação dos professores paulistas (1920-1940). *Cadernos de História da Educação* (UFU. Impresso), vol. 12, pp. 29-44, 2013.

SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, A. A. A. de. (2013) *Ensino de língua e literatura no século XIX: o Curso Elementar de Literatura Nacional e as Postilhas de Rethorica e Poetica utilizados no Imperial Colégio Dom Pedro II*. *Cadernos de História da Educação* (Online), vol. 12, pp. 15-363.

Notas

- ¹ Resultados parciais de uma pesquisa coletiva intitulada: *A organização do trabalho didático na perspectiva de educadores da Escola Nova (1930-1970)*, financiada pelo CNPq. (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS - carla.centeno@uol.com.br)
- ² Prof. Dra. em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora dos cursos de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação Mestrado Profissional (Unidade Universitária de Campo Grande) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.
- ³ Lemme foi detido sob a acusação de ter organizado cursos para operários na União Trabalhista, associação fundada pelo prefeito Pedro Ernesto, este também preso e processado perante o Tribunal de Segurança Nacional, em 1936.
- ⁴ Foi convidado pela Federação Internacional Sindical de Ensino-FISE, para ser co-relator do tema "Situação da Educação na América Latina. Como melhorá-la?", da II Conferência Mundial de Educadores, em Varsóvia, em 1957.

Recebido: Abril/2017.

Aprovado: Junho/2017.